

Edina Rautenberg

Revista Realidade: leituras que não problematizam a recepção

Mestranda pelo programa
de Pós-Graduação em
História da UNIOESTE
Bolsista pela CAPES
edina_rg@hotmail.com

Palavras - chaves: Revista *Realidade*, leitores missivistas, relação imprensa-sociedade.

Key-words: *Realidade* Magazine, letter writer, relationship press-society

Letícia Nunes de Góes Moraes é doutora em História Social pela FFLCH/USP. A obra “Leituras da revista Realidade (1966-1968)” é resultante da dissertação de Mestrado de Letícia Nunes de Moraes, orientada pela professora Dra. Maria Aparecido de Aquino.

Sob a perspectiva da História Cultural, Letícia Moraes se propõe a analisar a recepção dos meios de comunicação, por meio da revista mensal *Realidade*, compreendendo a relação entre imprensa e sociedade estabelecida entre a revista e seu público leitor, “*desvelando um mundo dialético em que, nem sempre, o desejo da revista vai ao encontro das aspirações de seus leitores que reclamam, contestam, exigem*” (MORAES, 2007:15). Os meios utilizados pela autora para chegar a tal resultado foram as cartas dos leitores missivistas, publicadas na seção “Cartas dos Leitores”, e as reportagens mais comentadas por esses missivistas. Dessa forma Moraes afirma poder perceber “*como a revista queria ser lida e como de fato era lida*” (MORAES, 2007:18). Além disso, a autora se baseia em alguns depoimentos realizados junto à primeira equipe de redação da revista. Aliás, o recorte empregado pela autora baseia-se no período de “maior importância da revista”, entre o seu lançamento (1966) e o momento em que sai a primeira equipe que havia comandado o periódico (1968).

Considerando a imprensa como um agente social, Moraes afirma que para conseguir efetivamente intervir na vida social e fazer valer seus interesses os jornais precisam de leitores que se identifiquem com esses interesses para lhes dar legitimidade. Dessa forma a imprensa pode apresentar seus próprios interesses como sendo coletivos (seus e dos leitores). Referenciando-se em Roger Chartier e Michel de Certeau, a autora analisa a mediação do leitor, que confronta o que lê com suas experiências pessoais e a existência da chamada “tensão fundamental”, e afirma que em sua pesquisa utiliza as cartas

Enviado em 03 de agosto de 2009
e aprovado em 19 de outubro de
2009.

dos leitores não apenas para saber quem eram e o que pensavam a respeito da revista, mas também o que faziam com aquilo que Moraes chama de “produto cultural”.

Moraes considera as especificidades do material, conscientizando-se de que as cartas publicadas são fruto de uma “dupla pré-seleção” realizada pela revista, na qual algumas cartas são selecionadas entre tantas outras recebidas e, de cada carta escolhida, é selecionado um trecho para ser publicado, ou seja, esta pré-seleção é norteada pelos interesses e objetivos da direção de *Realidade*. Além disso, Moraes alerta para a possibilidade das cartas terem sido inventadas pelos editores, embora afirme a pouca possibilidade disto ocorrer devido à abundância de cartas que chegavam à redação. Por meio da realização de um banco de dados baseado nas cartas publicadas pela revista, Moraes extrai o perfil do leitor missivista, sendo as reportagens e depoimentos dos jornalistas ocupantes de posições secundárias em sua pesquisa, como afirma a autora.

A revista *Realidade*, da Editora Abril, circulou durante dez anos no mercado nacional (1966-1976). Sendo “claramente favorável aos militares”, como afirma Moraes, o público leitor da revista constituía-se, predominantemente, da elite nacional, sendo esta entendida pela autora como a chamada classe média. Segundo a autora, as reportagens chamadas de “comportamento” foram o ponto alto da revista em seus primeiros anos. Moraes demonstra também o amplo alcance da revista, sendo que *Realidade* chegou ao pico de 505 mil exemplares vendidos.

O trabalho é dividido em três capítulos, sendo que o primeiro aponta alguns aspectos da história dos 10 anos da revista, o segundo é dedicado a analisar a recepção da revista pelos leitores e o terceiro ao estabelecimento da relação entre a revista e os leitores.

Moraes inicia o primeiro capítulo apontando o contexto da época de lançamento de *Realidade*, logo após o golpe de 1964, e de seus primeiros anos de circulação, até dezembro de 1968. Por meio de uma breve discussão bibliográfica, Moraes apresenta as idéias de René Dreifuss, Maria Helena Moreira Alves, Daniel Aarão Reis Filho e dos trabalhos realizados no âmbito da Fundação Getúlio Vargas.

No segundo capítulo, intitulado “Recepção pelos leitores missivistas”, a autora apresenta os resultados obtidos em seu banco de dados. Segundo Moraes, o banco de dados revelou a existência de uma política de edição de cartas. Além disso, as entrevistas com os jornalistas recuperaram o processo de construção da política de edição da seção de cartas. Segundo a autora, a “limitação” da participação dos leitores, no sentido da seleção das cartas, era então determinada por três formas centrais: pela escolha do tema das missivas; pela seleção dos trechos, uma forma de controle do conteúdo das cartas; e, finalmente, pelo número de cartas publicadas em um espaço dividido com pequenos anúncios.

Por meio da análise de 686 cartas de leitores referentes às reportagens publicadas, Moraes constata que 73% foram escritas por homens, sendo que aproximadamente 70% dos missivistas escreveram da região Sudeste. Segundo a autora, a revista se dirigia a um público jovem, pois fez dos rapazes e moças brasileiros presença constante em suas páginas, seja nas reportagens, seja na ação de cartas. Moraes conseguiu registrar a atividade profissional de 199 leitores, sendo que destes destacam-se a presença de políticos e de professores, o que diagnostica a preferência em publicar cartas de leitores com formação ou atividade profissional considerada relevante.

Em relação à análise da revista, constata-se que a maioria das cartas apresenta-se

favorável à revista, sendo 71% de apreciações positivas e 29% de negativas. Em relação às desfavoráveis, Moraes afirma que os leitores que se opõem à revista podem estar em discordância com a presença do tema da revista, com a posição adotada sobre o tema, com o entrevistado ou com o personagem central da matéria. Há ainda os leitores que discordam da opinião de outros leitores e os que apontam erros e falhas no preparo das reportagens. Outros fatores apontados pela autora são as pesquisas de opinião e a “vontade de colecionar” as edições, que são colocadas pelos leitores nas cartas.

Apesar da autora afirmar, na introdução, o caráter favorável por parte da revista aos militares, de realizar uma discussão sobre o contexto em que a revista foi lançada e em seguida discutir a constituição de *Realidade* - do projeto original à crise que a tirou de circulação - sentimos certa deficiência dessa relação quando da análise empírica da revista. Em sua análise das Cartas dos Leitores em conjunto com as reportagens mais comentadas por esses leitores, a autora salienta a presença da censura realizada pelo governo em algumas matérias e da prática da revista em não contrariar os militares, porém não realiza nenhuma análise no sentido de perceber uma função mais ampla da revista, como meio difusor de determinada hegemonia ou concepção de mundo e o seu papel nesse processo.

Apesar do trabalho se propor a investigar a recepção pelos leitores do material distribuído por *Realidade*, acreditamos que a consideração desses elementos viriam a incrementar o material analisado pela autora. Moraes chega perto disso algumas vezes, como quando afirma que o editor, Victor Civita, revelava o cuidado em evitar um confronto direto com o governo militar e utilizava de generalizações como recurso para não se comprometer com nada nem ninguém. Além disso, a autora aponta a discussão sobre o fato da revista ter sido beneficiada por um decreto-lei que alterava a nova Constituição. Promulgado em fevereiro de 1967, o decreto previa a liberdade de expressão, mas vetava a propriedade e a administração de empresas jornalísticas a estrangeiros (sendo que a família Civita era de origem ítalo-americana), apresentando algumas das possíveis relações da editora com o governo.

No primeiro capítulo, a autora afirma que os conflitos da revista com o governo se davam no sentido de que a revista defendia a mudança de costumes e que, após conquistado o sucesso de vendas junto ao seu público leitor, passa a tratar com mais discrição os temas que poderiam desagradar o governo e, como consequência, trazer prejuízos à empresa. Entretanto essas questões não são melhor desenvolvidas no segundo capítulo, sendo que a autora aponta apenas para a questão da censura a determinadas matérias, por se tratar de temas que “feriam a moral e a família”, e que são criticadas ou elogiadas por seus leitores.

No terceiro e último capítulo, “Estratégia & Tática, Revista & Leitores”, a autora trabalha com as reportagens que tiveram mais de dez comentários na seção de cartas dos leitores. Dentre as 138 reportagens comentadas pelos leitores nos 3 primeiros anos da revista, onze foram objeto de análise. Segundo Moraes, foi possível perceber três “categorias” de assuntos: assuntos relativos ao sexo e à educação sexual; grandes problemas brasileiros; e religião. Segundo a autora, uma das principais lutas da revista foi a transformação da prática de vivência da sexualidade, o que exigia que se transformasse antes a representação consagrada do que é e de como deve ser vivida a sexualidade. Para Moraes, a prática de leitura, captada por meio do registro que dela é feito, ou seja, a carta dos leitores, também pode ser considerada uma construção, pois revela os diferentes modos de

apreensão da sociedade, ou seja, “*as diferentes representações que ora se afastam, ora se aproximam da representação de mundo apresentada pela revista Realidade, ficando assim constituída uma verdadeira luta de representações*” (MORAES, 2007:149).

Por meio das pesquisas de opinião realizadas pela revista, Moraes demonstra que convidar leitores a participarem do debate também é uma forma de dividir a responsabilidade sobre o assunto e, ao mesmo tempo, conquistar adeptos para uma causa. Segundo a autora, *Realidade* procura formar a opinião de seus leitores e ao mesmo tempo colocá-los como “formadores de opinião”. Além disso, o objetivo da revista era trazer ao conhecimento dos leitores realidades distantes da sua. Segundo Moraes, por meio da análise das leituras dos leitores missivistas foi possível perceber que representantes de mundos muito diferentes colaboraram com a seção de cartas: leitores comuns, jornalistas e editores. A partir delas foi possível observar como se deu, em *Realidade*, a “tensão fundamental” entre a revista e os leitores, aquela tentando impor uma “justa compreensão” de seus textos à “irredutível liberdade” dos leitores.

Enfim, Leticia de Moraes se propõe em sua obra a analisar as representações de mundo por meio da análise das cartas dos leitores missivistas de *Realidade*, objetivo este alcançado pela autora com a transcrição de trechos de cartas que exemplificam as opiniões dos leitores. Segundo a autora, o trabalho se justifica pelo fato de que os leitores não assumem a condição de receptores passivos, mas exercem importante papel como mediadores do processo de comunicação, o que lhes permite assumir diferentes funções: editores, colaboradores, e até de censores, sujeitando os meios de comunicação à sua censura, além da censura política e da autocensura. Esta afirmação nos dá a impressão de que a autora está sendo convencida pela revista, no sentido de supor que os leitores exerceriam a função de censores, o que é discutível; e principalmente, pela afirmação de que os leitores assumiriam funções de editores, o que é impossível se levarmos em consideração que é a opinião do dono que prevalece na revista.

A autora não discute o fato de que o discurso jornalístico é percebido pelos leitores como uma prática discursiva que atua como uma mera reprodução de fatos, como uma prática responsável apenas por uma transmissão objetiva de informações. Alexandre Ferrari em seu trabalho sobre as cartas da revista *Vêja e Isto é*, diz que “*esses espaços, que se pretendem mediadores entre o público e a mídia, não passam de uma espécie de ilusão de uma possível subjetividade*”. (SOARES, 2006:19). Além disso, na nossa concepção de análise de revistas, se a autora tivesse analisado o papel de *Realidade* também como sendo um aparelho privado de hegemonia, numa visão gramsciana do termo, que nos pareceria ser a mais adequada, Leticia Moraes poderia ter aprofundado sua análise quanto ao papel das cartas e dos leitores missivistas na construção da revista. Entretanto, ela não compreende *Realidade* como aparelho privado de hegemonia e sim no sentido de entender como se dá a relação da revista com a sociedade.

Enfim, acreditamos que vale a pena ler a obra no sentido de que ela nos fornece importantes elementos e informações sobre a constituição da revista *Realidade*, bem como porque nos permite entender qual a dinâmica de constituição das matérias da revista.

BIBLIOGRAFIA

MORAES, Leticia Nunes de. Leituras da revista *Realidade* (1966-1968). São Paulo: Ala-

meda Editora, 2007, 253p.

SOARES, Alexandre Ferrari. Cartas: a centralização do Eu? IN: Revista Trama – Volume 2 – Número 3 – 1º Semestre de 2006.